
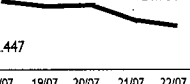


BOLSAS	BOVESPA	C-BOND	DÓLAR	EURO	OURO	CDB	INFLAÇÃO
Na quinta (em %)	Índice da Bolsa de Valores de São Paulo nos últimos dias (em pontos)	Título da dívida externa brasileira, na quinta	Comercial, venda, quinta-feira (em R\$)	Turismo, venda (em R\$)	Oça Troy na Comex de Nova York (em US\$)	Prefeção, 32 dias (em % ao ano)	IPCA do IBGE (em %)
 +0,04 Nova York	 21.730 22.447	<b>0,94</b> (▲ 0,80%)	<b>3,041</b> (▲ 0,36%)	<b>3,787</b> (▼ 1,30%)	<b>393,60</b> (▼ 0,81%)	<b>15,75</b>	Fevereiro/2004 0,61 Março/2004 0,47 Abril/2004 0,41 Maio/2004 0,51 junho/2004 0,71

Economia - Brasil

Três boas notícias confirmam a trajetória de crescimento. O desemprego caiu para níveis de 2002, a confiança da indústria é a melhor em quatro anos e a economia se mostra mais protegida de choques externos

# UM DIA NO PARAÍSO

**O** A equipe econômica do governo Lula não teve do que reclamar ontem. Pelo menos por um dia os críticos foram obrigados a se calar frente a um pacote de boas notícias que, de certa forma, reforça a tese de retomada da produção. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) informou que o desemprego caiu em junho pelo segundo mês consecutivo, de 12,2% para 11,7%, retornando aos níveis de 2002, último ano da administração tucana. A renda dos trabalhadores aumentou 1,8%.

A reativação do emprego e da renda foi acompanhada de pesquisa da Confederação Nacional da Indústria (CNI) mostrando

que o empresariado está mais confiante no futuro do país. O indicador para o terceiro trimestre atingiu os 60,7 pontos, 7,8% acima do registrado nos três meses anteriores. Trata-se do maior índice para o período desde 2000, quando a economia brasileira crescia a um ritmo de 4% ao ano.

Para sustentar o discurso do governo de que o caminho trilhado até agora é o mais correto, o Banco Central (BC) divulgou que as contas externas registraram, no primeiro semestre, o melhor resultado dos últimos 57 anos. As transações correntes do país com o exterior apresentaram saldo positivo de US\$ 4,4 bilhões, redu-

zindo de forma substancial a vulnerabilidade da economia a choques externos. Já os investimentos estrangeiros diretos, que em maio somaram pouco mais de US\$ 200 milhões, fecharão julho em US\$ 1,2 bilhão.

Os números realmente são de animar. Mas a expectativa de empresários e economistas é de que não sejam reflexos de uma bolha de crescimento, como teme Lula, ou um "vão de galinha", como refuta o ministro da Fazenda, Antonio Palocci.

## MAIOR PROTEÇÃO A CRISES

VICENTE NUNES

DA EQUIPE DO CORREIO

Principais símbolos da fragilidade que marcou o país nos últimos anos, as contas externas brasileiras transformaram-se no principal trunfo do governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva para ilustrar o ajuste pelo qual vem passando o país na macroeconomia. O Banco Central (BC) informou ontem que as transações correntes — nas quais se inserem as exportações, as importações, os gastos com serviços no exterior e as transferências de recursos para fora do Brasil — fecharam o primeiro semestre do ano com saldo positivo recorde de US\$ 4,415 bilhões. Foi o melhor resultado desde 1947, quando o governo passou a divulgar tal indicador.

Na comparação com o superávit dos primeiros seis meses de 2003, de US\$ 517 milhões, o saldo deste ano registrou crescimento de 754%. Conforme ressaltou o chefe do Departamento Econômico do BC, Altamir Lopes, o saldo do primeiro semestre de 2004 foi maior que o contabilizado em todo o ano passado (US\$ 4,016 bilhões). "Trata-se de um desempenho espetacular. Entre os países emergentes, somente a Rússia apresenta resultado superior", disse o professor Simão Davi Silber, do Departamento de Economia da Universidade de São Paulo (USP).

A virada das transações correntes — que, em 1998, apresentaram rombo de US\$ 33 bilhões — foi possível graças ao movimento consistente de crescimento das exportações. Entre janeiro e junho, elas superaram as importações em US\$ 15,049 bilhões, também um recorde

histórico. Em relação ao primeiro semestre de 2003, as exportações cresceram 31%. "Isso se deve ao esforço do governo e dos empresários para a diversificação dos produtos exportáveis e para a conquista de novos mercados", destacou a professora de Comércio Internacional da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Lia Valls Pereira.

### Sem euforia

Segundo o professor João Saboya, diretor do Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a grande vantagem do expressivo saldo em transações correntes é a redução da vulnerabilidade do Brasil a choques externos. Como o país está conseguindo gerar dólares com o comércio, não está mais precisando de capital estrangeiro para fechar suas contas. "Tanto isso é verdade que, apesar de toda a turbulência que se viu no mercado internacional nos últimos meses, os preços do dólar pouco oscilaram no país e já voltaram para o patamar de R\$ 3", assinalou.

Na avaliação de Altamir Lopes, é preciso, no entanto, deixar a euforia de lado. A história econômica adverte que países em desenvolvimento como o Brasil não devem ter superávits expressivos em transações

correntes por um período muito longo, pois acabam se tornando exportadores de capital, em vez de receberem poupança externa para financiar o crescimento econômico. O Brasil, no entanto, está no meio do ajuste e os superávits são importantes para blindá-lo de crises internacionais.

"Ao longo do tempo, será recomendável que o país registre um equilíbrio ou mesmo um pequeno déficit nas transações correntes", afirmou Altamir, acrescentando que, neste mês, a previsão é de superávit de US\$ 1,7 bilhão. Procurando ressaltar ainda mais o bom momento das contas externas, o economista do BC chamou a atenção para o resultado final do balanço de pagamentos, o qual contabiliza todas as operações do país com o exterior, inclusive as transações correntes. No primeiro semestre, houve superávit de US\$ 1,346 bilhão, mesmo com o Brasil tendo pago US\$ 2,701 bilhões ao Fundo Monetário Internacional (FMI). No mesmo período do ano passado, o saldo do balanço de pagamentos foi positivo em US\$ 8,969 bilhões, graças ao socorro de US\$ 8,220 bilhões dado ao país pelo Fundo. Com esses números, o BC quer reforçar a tese de que o

Brasil já pode caminhar com pernas próprias sem a ajuda financeira do FMI.

### Investimentos diretos

Na divulgação das contas externas, o governo também comemorou a retomada dos investimentos estrangeiros diretos para o país. Depois de uma forte retração entre março e maio, o fluxo atingiu US\$ 737 milhões em julho, totalizando US\$ 4,044 bilhões no semestre — mais 15% do que em igual período de 2003. Em julho, até ontem, os investimentos diretos haviam batido nos US\$ 900 milhões e, segundo Altamir, fecharão o mês em US\$ 1,2 bilhão.

Para a professora Lia Valls, a volta dos investimentos diretos é alvissareira, pois representa "uma retomada da confiança no país". Mas esse fluxo tem uma contrapartida negativa bem forte: a remessa de lucros e dividendos. Essa rubrica somou transferências de US\$ 3,608 bilhões entre janeiro e junho, 42,6% a mais que no primeiro semestre do ano passado.

O professor João Saboya destacou, ainda, a baixa taxa de rolagem das dívidas de empresas brasileiras no exterior. Em junho, para cada US\$ 100 vencidos, somente US\$ 28 foram renovados. A obrigatoriedade de pagamento de parte dos débitos pelo setor privado permitiu a redução da dívida externa total do país em US\$ 7,6 bilhões em abril, para US\$ 205,8 bilhões.

"TRATA-SE DE UM DESEMPENHO ESPECTACULAR. ENTRE OS PAÍSES EMERGENTES, SOMENTE A RÚSSIA APRESENTA RESULTADO SUPERIOR"

Simão Davi Silber, professor do Departamento de Economia da Universidade de São Paulo (USP)

